

(O FAZER) CRÔNICA: REFLEXÕES SOBRE ESSA MANIFESTAÇÃO LITERÁRIA A PARTIR DO TEXTO A VIDA? ESSA MONSTRUOSIDADE DE IRREALIDADES, DE HILDA HILST

Wellington Oliveira de Souza
(Mestrando/PPGEL/ UNEMAT)

Resumo: Pensar sobre crônica é colocar-se diante de um texto curto, simples, mas que possui densidade. Muitos dizem que ela é um “gênero menor”, isso devido essa característica leve que aparenta simplicidade e falta de compromisso. Contudo, podemos dizer que estes são os aspectos essenciais que constitui a crônica. Pensando nisso, este trabalho objetiva refletir sobre essa manifestação literária de muita significância e que merece atenção. Para tanto, tomamos como mote para esta reflexão a crônica *A vida? Essa monstruosidade de irrealidades* da autora Hilda Hilst (1930-2004), para refletir sobre aspectos próprios que permeiam esta manifestação.

Palavras-chave: Hilda Hilst; Crônica; Metaficção; Manifestação literária; Literatura.

Abstract: To think about chronicle is to putting yourself on a short text and simple text, which has density. There is who say that it is a “short genre”, because it appears that this slight characteristic simplicity and lack of commitment. However, we can say that these aspects are essentials to constitute the chronicle. Thinking about it, this paper aims to reflect about this literary manifestation of much significance and deserves attention. For this, we take as matter for this reflection the chronicle *A vida? Essa monstruosidade de irrealidades* by Hilda Hilst (1930-2004), to reflect about own aspects that have this manifestation.

Keywords: Hilda Hilst; Chronicle; Metafiction; Literary manifestation; Literature.

Introdução

Ao propormos refletir sobre a linguagem, colocamo-nos diante de um espaço de significação onde o homem se coloca e o toma para expressar-se enquanto ser pensante. É neste espaço que ele se constitui, pois é pela linguagem que ele se expressa, sendo ela, dessa forma, responsável pelos estímulos dos processos mentais que geram o conhecimento, pois ela cria e recria a experiência, realidade individual do homem. Dessa forma, ao criar essa subjetividade não há como negar o externo, pois resquícios encontrados ao nosso redor compõem nossa prática discursiva.

Assim, a relação do indivíduo com o social muito determina a forma como a linguagem será utilizada no processo discursivo estabelecido entre o homem e o seu semelhante, pois é através da linguagem que eles se constituem, uma vez que a relação entre o indivíduo e seus conflitos determina o sentido de cada palavra utilizada, bem como o fator externo no qual o homem está inserido.

Pensando nisso, lembremos o universo ficcional chamado *literatura* onde as palavras são os elementos essenciais que constituem esse campo. Os escritores alimentam-se destas para a criação deste universo e nessa construção, percebemos as palavras constituindo universos ficcionais que ganham autonomia. Assim, através das



manifestações artísticas podemos observar, também, o homem enquanto ser pensante, pois através desse universo por ele criado é possível, também, conhecê-lo.

Pensando nisso, este trabalho objetiva refletir sobre a crônica. Para tanto, tomamos como mote para esta reflexão um texto de tal identidade da autora Hilda Hilst (1930-2004), intitulado *A vida? Essa monstruosidade de irrealidades*, para refletir sobre aspectos próprios que permeiam/constituem esta forma de manifestação literária.

Vale ressaltar que a crônica aqui tomada para a presente reflexão encontra-se publicada no livro *Cascos & carícias & outras crônicas* que reúne várias outras crônicas que a autora publicou no *Caderno C* do jornal *Diário Correio Popular*, de Campinas, entre 30 de novembro de 1992 e 16 de julho de 1995. Sua coluna levava seu nome e começou a ser publicada às segundas-feiras, sendo que a partir de outubro de 1993 até o fim de sua colaboração para o caderno, passou a circular aos domingos. Nascida em Jaú, São Paulo, em 21 de abril de 1930, Hilda Hilst possui várias publicações de contos, romances, poesias e também se aventurou pela dramaturgia e é tida como importante escritora da literatura brasileira. Escreveu por quase cinquenta anos e já recebeu muitos prêmios literários. Hilda faleceu em Campinas-SP, no dia 04 de fevereiro de 2014.

Literatura: O Universo de Palavras

As representações artísticas vêm ganhando caráter inovador e a ficção enveredando por diversos espaços representativos inerentes ao homem. Com isso, é relevante observar como as manifestações literárias vêm ganhando espaço e atenção do homem. Pensando nisso, cabe aqui uma breve reflexão acerca do universo ficcional que é constituído por palavras, a *literatura*.

Não nos interessa aqui discutir teoricamente sobre a literatura, mas sim tecer uma breve reflexão sobre este universo. Para melhor reflexão acerca deste universo das palavras, lembremos aqui o estudioso Roland Barthes, mais especificamente a discussão de seu livro *Aula* que nos ajudará a compreender um pouco sobre *literatura*.

Antes de adentrar na discussão deste universo, o referido autor faz uma inicial reflexão sobre a língua e que será relevante para a discussão do universo ficcional. Segundo ele a língua é o objeto em que se inscreve o poder. Inicialmente vemos Barthes



dedicando-se a defender a luta contra o autoritarismo da língua, de forma a combater o uso da linguagem para exercício de usurpação e poder. Para Barthes a língua é *fascista*, isto é, ela obriga a dizer de acordo com determinadas regras. O discurso é colocado como um desafio ao leitor, pois apresenta uma forma tanto de servidão quanto de poder. Isso se dá porque “a língua implica uma relação de alienação”, isto é, de regras, por isso Barthes dizer que a língua é fascista, pois ela impõe regras. Proferida, ela “entra a serviço de um poder”. Nesse sentido, Barthes diz ainda que somos “mestres e escravos” da língua. Mestres devido termos o poder de ser usuários da língua e escravos por termos que nos submeter às suas exigências, normas.

Diante dessa relação de servidão entre sujeito e língua é que Barthes define a *literatura*. Faz um convite para *trapacear* a língua, ou seja, perceber a língua fora do poder, pois, para ele, só a literatura nos permite trapacear com língua, pois ela revoluciona, transgride totalmente a linguagem. Essa trapaça permite “ouvir a língua fora do poder”, uma vez que não depende da pessoa, do engajamento político ou de suas convicções ideológicas. Esse convite à libertação Barthes denomina de *literatura*, pois segundo o autor este é o espaço de liberdade. Assim, entende literatura como a prática de escrever, isto é, o texto, “o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro” (BARTHES, 2007, p. 16). Enquanto leitores, somos convidados a perceber e vivenciar essas palavras fora do poder instaurado, pois a escrita literária faz da linguagem objeto estético. E diante da imposição da língua temos a figura do escritor que possui como ferramenta de luta contra esse poder a habilidade de manejo das palavras e é através disso que a ficção literária vai ganhando a autonomia que não teria caso se rendesse ao autoritarismo da língua. Dessa forma, levando em consideração essa discussão, tentaremos aqui refletir sobre a crônica. Para isso, tomamos a crônica de Hilda Hilst para que possamos refletir sobre essa forma de representação, percebendo o manejo das palavras para a construção textual do que o texto pretende.



O Texto Metaficcional de Hilda Hilst

É relevante lembrar que a crônica tomada aqui como corpus de reflexão intitulada *A vida? Essa monstruosidade de irregularidades* foi publicada pela primeira vez na coluna do jornal *Diário Correio Popular* e, apesar de ser a mesma, a que aqui será usada encontra-se publicada em um livro que reúne outras crônicas da autora Hilda Hilst e que foi publicado em 2007. É importante salientar que mesmo transposta para o livro essa crônica não passou por nenhuma modificação de escrita, continuando, assim, a mesma.

Como nosso objetivo é refletir sobre a manifestação literária chamada crônica, tomemos como primeira observação essa transposição espacial de publicação do texto, pois isso caracteriza perda de finalidade (se é que assim podemos falar), isto é, o veículo no qual a crônica é publicada muito diz sobre ela. Quando uma crônica é colocada em outro espaço de publicação seu caráter muda completamente, pois este espaço no qual ela se encontra guia-nos para uma diferente leitura caso fosse retirada do espaço do jornal que possui todo um contexto. Essa mudança afeta diretamente no caráter identitário da crônica, pois sabemos que os veículos de publicação possuem ideologias diferentes. Mas a crônica que aqui será estudada talvez não apresente total mudança de discussão, pois seu caráter é falar sobre si e, independentemente do espaço onde se encontra, sempre possuirá a mesma finalidade: falar sobre si, sobre o fazer crônica.

Para melhor compreensão, façamos aqui uma breve explanação histórica sobre crônica para que possamos ver seu início e, com as discussões que aqui serão tecidas, percebermos sua autonomia enquanto texto literário. A palavra crônica vem do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), no Latim *chronica* e tal vocábulo assinalava, nos primórdios da era cristã, uma lista de acontecimentos que possuíam uma ordenação, isto é, uma sequência cronológica e que se restringia a registrar os acontecimentos, porém sem um aprofundamento e interpretação das causas dos mesmos. Assim, o vocábulo, ao ganhar sentido literário, livra-se de sua amarra histórica transgredindo totalmente este enquadramento que nela colocaram.

Ao pensarmos sobre o percurso histórico da crônica vemos que ela possui íntima relação com o jornal. Seu “nascimento” deu-se no âmbito jornalístico que reservava pequeno espaço para a publicação destes textos curtos. “A principio, no século XIX,



chamavam-se as crônicas “folhetins”, estampados em geral em rodapés dos jornais (*feuilletons* - folhetins)” (COUTINHO, 1971, p. 109). Essa forma de escrita foi se desenvolvendo até ganhar o nome de crônica. Porém, o que deve ficar claro é que apesar da íntima relação com o jornalismo, a crônica, que se generalizou enquanto tal diante do folhetim, não é engessável apenas ao jornalismo ou como texto literário, pois seu caráter é fugidio, isto é, com o passar dos tempos vem se mostrando mutável em relação as suas características próprias.

Todas as crônicas de Hilda Hilst presentes no livro *Cascos & carícias & outras crônicas* foram publicadas na coluna do *Diário Correio Popular*. Dessa forma, foram feitas para aquele espaço e, uma vez transpostas para outro, tem-se distintos espaços que interferem na leitura das mesmas, mas nunca interferindo no valor da crônica e isso é relevante para percebermos o quanto este texto necessita de atenção.

Na crônica *A vida? Essa monstruosidade de irregularidades*, temos um narrador apropriando-se de aspectos “próprios” da crônica para falar sobre crônica, construindo, na realidade, uma metaficção. Muito visto como “gênero menor” as discussões acerca da mesma ainda são tímidas no âmbito acadêmico, isso devido não termos uma teoria do “gênero”. Dessa forma, torna-se relevante a presente reflexão acerca deste texto de Hilda Hilst especialmente por muito permitir pensar sobre essa manifestação literária. Nas palavras do narrador:

A crônica é um verdadeiro martírio para mim, porque de alguma forma tem que se aproximar de algum texto “arrumadinho”, um texto que todos entendam, você lê pro fedelho, pra Zefa, pro dotô, e todos têm de dizer “óóó sim! entendi!, **mas** a verdade é que nada faz sentido, pois faz sentido você nascer, crescer, envelhecer e depois apodrecer? O escritor quer mais é esmiuçar os mil atalhos dessa insanidade, e usa na linguagem todos os possíveis códigos da vida (HILST, 2007, p. 189). (grifo meu).

Este é o início da crônica aqui tomada como corpus de reflexão e nele percebemos o texto demarcando inicialmente que falará de si. O espaço tomado é a própria estrutura da crônica para falar e refletir sobre ela mesma. Uma vez que tem sua gênese no jornalismo, torna-se “martírio” porque um cronista deve se adequar ao espaço dado a ele para o encaixe desse texto curto. Mais: deve ser um “um texto que todos entendam, você lê pro fedelho, pra Zefa, pro dotô, e todos têm de dizer “óóó sim! entendi!””, isto é, as



construções linguísticas devem ser feitas de modo que contemplem a compreensão de todos, porém, na construção da crônica isso não se torna obrigatório devido ela ser autêntica, pois por essência consegue atingir todos os tipos de leitores, mas sempre em luta contra as regras da língua. Ao adequar-se a um espaço já delimitado, caminha para a perda de sua grandiosidade, bem como intervenção em sua recepção. Dessa forma, é o manejo das palavras por parte do escritor a ferramenta essencial para atingir um texto conciso, porém de muito conteúdo, que é característica primordial da crônica. Ainda neste fragmento a aceção da palavra “arrumadinho” encontra-se num sentido pejorativo, crítica apontada como arma para a o *fascismo* (como apontado por Barthes) da língua.

Neste universo *fascista* trazido para reflexão é através da adversativa “mas” que temos a movimentação direcionada para uma proposta de reflexão a respeito da crônica. O que temos na fala inicial do narrador é a colocação lado a lado de duas dimensões que ora irão se misturar numa tensão: a vida e a crônica, que são colocadas próximas, neste primeiro momento, através do uso da adversativa usada pelo narrador e que ao decorrer do texto irão se misturar e separar na tentativa de criar um discurso explicativo da crônica. “A verdade é que nada faz sentido, pois faz sentido você nascer, crescer, envelhecer e depois apodrecer?”. O texto que ora vai sendo construído volta-se para si e com isso percebemos que vai tomando a vida como exemplo (ou assunto) para pensarmos/vermos que a crônica não precisa fazer sentido de forma imediata, porque para existir ela não precisa ser como querem, pois sua forma assemelha-se a de um texto simples, de uma conversa informal, porém sem perder a seriedade e o alto teor de significação e reflexão acerca do que pretende. É “por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, [que] ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia” (CANDIDO, 1992, p. 13), pois cria uma linguagem que fala de perto aos nossos modos de ser naturais. Talvez seja por isso que muitos, ainda, não entregam a ela a seriedade, pois ainda há quem a enquadre como gênero menor. Porém, é nessa estrutura de escrita aparentemente simples e sem sentido (assim como a vida?) que se encontra a seriedade construída no campo textual que leva o leitor desavisado a vê-la como um texto simples, um texto que não mereça atenção.



Uma vez que possui íntima ligação com o jornalismo, que tem como objetivo noticiar algo, a crônica não assume tal caráter, pois o que faz é tomar o assunto noticiado para chegar ao que pretende, o assunto torna-se um mote para o que realmente objetiva atingir. No início do texto de Hilda Hilst vemos uma reflexão acerca da crônica e que em seguida faz um questionamento acerca da vida. O que vai ficando perceptível através de uma leitura mais concisa é que a vida é pega como assunto para discutir a crônica. Dessa forma, vai se delineando o contraste, ou melhor, a tensão entre vida e crônica. Como informa ainda o narrador “o escritor quer mais é esmiuçar os mil atalhos dessa insanidade, e usa na linguagem todos os possíveis códigos da vida” (HILST, 2007, p. 189). As questões da vida ainda não foram respondidas e o homem ainda busca por respostas em relação a si. Esse aspecto é tomado pela literatura que se volta para o homem. Assim como a vida que não possui sentido único, a crônica ainda possui questões não respondidas a seu respeito como, por exemplo, seu enquadramento enquanto “gênero”, pois há quem a veja como “gênero menor” e também aqueles que a veem como simples texto que não merece atenção. Enquanto os críticos discutem teoricamente acerca de sua identidade, ela aproveita para fazer o que sabe fazer de melhor, tomar essa tentativa sobre si para rir deles, pois suas discussões vão além da tentativa de conceituação, e isso vai ficando claro no texto de Hilda Hilst.

Se algum físico, por exemplo, for obrigado a explicar pro povão o mundo das partículas ninguém vai entender, e não há maneira de transformar a linguagem da física em “nóis tamo vendo aqui uma coisa, tamo vendo não, tamo só vendo a caminhada da coisa etc. etc. etc.”. A física e a vida têm muito a ver e as duas andam num salseiro difícil de entender. Você pode entender, na física, uma coisa que entra por dois buracos ao mesmo tempo? E na vida, pode? Ao mesmo tempo não dá negão. Você pode entender a tal coisa que não é uma coisa, mas que é algo que pula de um lugar pro outro (eles dizem órbita), sem passar pelo espaço intermediário? Como se a bolinha de gude fosse parar de súbito na tua rodela sem se deslocar? Pois essa coisa é o elétron, pessoal. Uma coisa que não é uma coisa e ninguém nunca vê (HILST, 2007, p. 189,190).(grifos meus).

O exemplo dado pelo narrador em relação a física evidencia o distanciamento existente entre a linguagem científica e a linguagem do dia-a-dia para mostrar que a linguagem da crônica é própria do discurso oral. O que temos aqui é um narrador apropriando-se de algo da vida real para prosseguir na reflexão sobre a crônica que,



diferente da língua formal, aceita em si a mais simples forma de linguagem e é isso que caracteriza sua particularidade, pois “pega o miúdo [da vida] e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou singularidade insuspeitadas” (CANDIDO, 1992, p. 14) e é isso que a torna singular e movediça na tentativa de classificação. Como assinalado pelo narrador acerca da dificuldade de entender a vida e a física, assim também é a crônica que vem escapando de uma classificação única. O narrador vai levantando questionamentos acerca do assunto que toma para refletir sobre a crônica deixando no campus textual marcas linguísticas que vão delineando aspectos próprios da crônica, como a gíria “negão” e a palavra “pessoar” que numa linguagem formal não são aceitáveis. São palavras que são introduzidas pelo narrador no plano textual da crônica não para falar sobre, mas para mostrar na prática que a crônica é capaz de absorver a simplicidade do cotidiano sem perder seu valor. Vale ressaltar ainda que essas palavras não estão destacadas e de acordo com o padrão formal da língua deveriam estar destacadas para mostrar que são diferentes e que não pertencem ao plano textual, mas sim à oralidade. Na composição do texto aqui tomado para reflexão, percebe-se que elas assumem caráter essencial na composição do texto que ora fala sobre si. Na verdade “a linguagem e, mais expressivamente a gíria social, é um tempero importantíssimo na confecção de uma crônica” (COUTINHO, 1971, p. 10). O que é normativo em termos de separar o que é “certo” e “errado”, “bom” ou “ruim” são aspectos que são colocados em voga no espaço da crônica de forma aproximativa e essa articulação só é possível pelo manejo das palavras por parte do escritor. O que devemos levar em consideração é a escrita significativa que o texto carrega.

Ainda nessa linha de reflexão, continua o narrador:

E de ambiguidades, de paradoxos, de evasivas, e escorregadia igual enguia, também a própria vida. Você pensa que tua mulher é um amor, tua criança uma gracinha, no dia seguinte tá lá você com dois cornos e tua criança estrangulando o gato da vizinha. Dá pra entender o ser humano fazendo tudo pra morrer? Emporcalhando os ares, os rios, os mares, esburacando o ozônio, e só deixando intacto teu ilustre sovaco? (HILST, 2007, p. 190). (grifo meu).

A crônica é fugidia e devido a isso seu caráter é movediço. Torna-se singular enquanto espaço de representação que é tomado pelo escritor para exercer o trabalho com a linguagem. Assim, não percebemos um narrador apenas falando sobre crônica, mas



fazendo e mostrado para o interlocutor aspectos próprios e de como funcionam num texto assim “denominado”. Uma vez que a literatura possui íntima relação com a incessante busca do homem por respostas sobre si, a crônica caminha, sonda e acompanha-o tomando dele seus aspectos corriqueiros para fazer-se enquanto texto literário. O assunto tomado em questão é a dificuldade do homem por respostas sobre si, porém o toma como motivo para escrever sobre si enquanto texto. O que deve ficar claro no decorrer das nossas discussões é que os assuntos tomados pela crônica de Hilda Hilst não objetivam falar sobre eles, mas sim sobre como a crônica toma esses assuntos para se constituir e falar sobre si. Mas nessa tomada para reflexão, não há como não colocarmo-nos diante dos questionamentos colocados pelo narrador e isso evidencia a capacidade da crônica que, ao mesmo tempo em que fala sobre si, consegue também falar sobre outros aspectos.

Outro aspecto social aqui tomado pelo narrador é o contexto político e isso nos possibilita perceber e avançar acerca dos aspectos próprios da crônica. Não a atmosfera política, mas a tomada dessa atmosfera. Aqui vemos um narrador buscando na memória algumas informações que, neste ato, vão de encontro com a memória do leitor. Vejamos:

E daquelas “eficientes bombas limpas” que inventaram, tão “eficientes” que destroem toda vida ao redor e deixam intactos os conglomerados de concreto? Dá pra entender a Bósnia? O Brasil? Dá pra entender a nossa dívida externa que nunca termina, mas a gente mil vezes já pagou mais de bil? (atenção revisão, é bil mesmo, de bilhões) (HILST, 2007, p. 190).

Publicada no domingo dia 13 de fevereiro de 1994, esta crônica de Hilda, assim como todo texto, carrega em si marcas do social em que o escritor encontra-se inserido. Lembremos que é neste ano o início do governo presidencial de Fernando Henrique Cardoso (FHC) que substituiria o governo Itamar Franco. O Brasil vinha do problema da hiperinflação que por mais de uma década assombrou as contas brasileiras e absorvendo de forma drástica os ganhos obtidos pela população. Itamar em seu governo nomeou, enquanto senador, Fernando Henrique Cardoso que deveria combater a inflação e reorganizar a economia do país. Para isso, FHC convocou um grupo de economistas da PUC do Rio de Janeiro em que, juntos, participaram de forma direta na elaboração do chamado Plano Real, anunciado em fevereiro de 1994, ano em que se tornou presidente do Brasil. Tal plano buscou sanar as contas públicas através de cortes dos gastos desnecessários do Estado. Por outro lado, temos, na Bósnia um conflito marcado por



greves e crimes contra a humanidade. Fatores políticos e religiosos atuaram diretamente para esta guerra que tomou proporções a partir das consequências da guerra fria. No início da guerra, a República da Croácia, que cobiçava territórios da Bósnia Herzegovina, entrou em guerra contra os bósnios e assinou um acordo de repartição das terras da província com os líderes sérvios. Tal conflito, conhecido como “a guerra dentro da guerra”, foi encerrado com o Acordo de Washington de 1994. Seguiu-se a formação da Federação da Bósnia Herzegovina, uma aliança entre bósnios e croatas contra os sérvios e bósnios de origem sérvia. Nesse mesmo ano a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), após as frustradas tentativas de mediar o conflito por parte de grandes potências, investiu pesado contra tropas bósnias de origem sérvia. A presença dessa organização e da aliança bósnio-croata enfraqueceu os sérvios e isso foi primordial para o fim do conflito em 1995. De forma geral, é este o contexto político que esta crônica carrega em si. Como fica visível de acordo com as nossas reflexões o narrador, inicialmente, busca a vida do homem e neste momento traz um aspecto inerente a ele, a vida política.

Ainda neste fragmento vemos um narrador que, ao trazer para o plano textual o contexto político, torna-se irônico em relação à língua, e isso nos remete ao *fascismo* salientado por Barthes. Ao dizer “(atenção revisão, é bil mesmo, de bilhões)” o narrador assume-se irônico, pois uma vez que o ato de revisar um texto objetiva colocá-lo no padrão formal da língua, evidencia a ignorância de uma revisão em não conseguir observar que a crônica não pretende se adequar de acordo com os padrões, mas sim de que são as regras que devem se adequar a ela. Tal ignorância é extensiva àqueles que buscam conceituar a crônica.

Ainda:

Dá pra entender um país desesperado com quase cinquenta por cento de inflação ao mês, com gente faminta, hospitais em agonia, quadrilhas matando crianças (mais de cinco mil de 1988 a 1991), deputados roubando bilhões, um país que ainda assim “brinca” o carnaval, e o maior tesão do povão continua sendo a bunda e a bola? (HILST, 2007, p. 190-191).

Esse contexto de corrupção, mortes, futebol e outros elementos trazidos pelo narrador são aspectos corriqueiros da vida do cidadão brasileiro e, apesar do narrador não se prender em apenas uma ação específica, o que vai sendo delineado através de seu



discurso é a capacidade da crônica em se apropriar de algo para, assim, se constituir e falar ao seu leitor. Percebe-se ainda a crítica ao futebol e a “bunda” (carnaval), aspectos da nossa vida que, no contexto atual, permanecem com a mesma força, influência. Porém, esses fatos são tomados aqui não para serem discutidos, mas sim como pretexto para atingir o que objetiva: falar sobre a crônica, o fazer crônica. Assim, o leitor desavisado no decorrer da leitura poderá se distanciar do que realmente está sendo discutido e ser levado apenas para o assunto tomado para tal discussão.

E respondendo o fragmento anterior o narrador diz:

Claro, claro, ainda é possível, “ó, não perca as esperanças” como diria o abade, tudo ainda é factível e pode ser surpreendente. **Pois não houve um homem que fez de orelhas de porcos uma bolsa de seda? Você não acredita? Então leia:** (HILST, 2007, p. 191). (grifos meus).

O narrador traz para o plano narrativo outro aspecto que nos apontará para a gênese da crônica, o jornalismo. A partir desse momento traz uma notícia em que fica visível que foi publicada em meios jornalísticos. Uma notícia que fala sobre Athur Dehon Little que em 1921 dedicou-se em contribuir com a filosofia americana. Na verdade Arthur denunciava um antigo ditado da tradição que era de que “não se pode fazer uma bolsa de seda usando orelha de porco”. Conforme o narrador:

“Primeiramente comprou quase cinquenta quilos de orelhas de porco de uma companhia de enlatados de Chicago. As orelhas foram reduzidas a uma substância algo parecido com o líquido viscoso produzido pelo bicho-seda. Depois, os cientistas da Little diluíram essa substância em água, forçando-a a gelatinar-se com pequenas quantidades de acetona” [...]” etc. etc. etc., por aí vai (HILST, 2007, p. 191).

Em seguida o narrador nos informa que a bolsa ficou linda e que se encontra exposta na instituição Smithsonian, em Washington, e se caso o leitor quiser saber como fazê-la, as instruções podem ser encontradas no livro *Centrais de Ideias*, de autoria de Paulo Dicknson, da editora Melhoramentos.

Não nos interessa averiguar a veracidade da informação, mas sim evidenciar que o que é trazido para o plano narrativo é uma informação que possui teor jornalístico, uma informação feita para este tipo de espaço. Na verdade a crônica “move-se entre ser *no* e *para* o jornal” (MOISÉS, 1982, p. 247) e mesmo que esteja em livro, nunca perde o vínculo com o jornal. Assim como no início da crônica *A vida? essa monstruosidade de*



irrealidades, na reta final do texto o narrador volta para um âmbito jornalístico cuja notícia possui teor científico. Não para discutir questões dessa natureza, mas para que percebamos o caráter mutável da crônica, isto é, ela é capaz de movimentar-se por vários espaços e isso é verificável nessa crônica. E assim o narrador finaliza de modo irônico:

Agora pergunto: e será que uma bolsa recheada de dólares pode virar um porco? Taí uma sugestão para os químicos... jovens naturalmente. Mas por favor, leitor, não arranque as orelhas dos seus porquinhos se precisar de uma blusa de seda ou de uma bolsinha para o seu carnaval. Bom dia. Engov pra vocês. (HILST, 2007, p. 192).

Conforme Antonio Candido “a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, causal, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo” (CANDIDO, 1992, p. 22). A crônica de Hilda Hilst vai se construindo à medida que fala de si e traz, para o plano narrativo, aspectos que de si são próprios. À medida que vai dialogando com leitor, dialoga consigo mesma tornando-se, assim, esse monólogo comunicativo. Mas essa figura do leitor talvez seja questionável, pois é um texto que conversa consigo mesmo. Assim, o processo dialógico dá-se entre ela mesma e a figura do leitor torna-se espectador, um terceiro elemento desse, podemos dizer, monólogo interior. Por fim, tudo isso é abarcado no título da crônica *A vida? essa monstruosidade de irrealidades*, pois a vida e a crônica são grandiosas, e como semelhança, ambas possuem aqueles que as veem como ínfimas, e outros que conseguem perceber a grandiosidade das mesmas. Contudo, nenhuma das duas deixam de possuir suas monstruosidades e irregularidades, pois ainda estão em busca de explicações sobre si mesmas.

Considerações Finais

O presente trabalho buscou refletir de forma crítica/teórica sobre a manifestação literária *crônica*. Para tanto, tomamos como objeto literário a crônica *A vida? essa monstruosidade de irrealidades* da escritora brasileira Hilda Hilst. As reflexões aqui tecidas deram-se de acordo com o texto literário, isto é, não partimos da teoria para o texto, mas sim do texto para a teoria, afinal a crônica aqui estudada mostrou-se autônoma e capaz de nos guiar para o seu entendimento.



Buscamos discutir acerca da crônica devido a importância que este texto possui. A riqueza encontra-se no manejo das palavras por parte do escrito e Hilda Hilst mostrou-se aqui uma artista capaz desse manejo, pois ao atentarmos para seu texto vemos a capacidade que possui de explicar-se, sem nenhuma intervenção outra. Ao falar de si, dialoga também com o leitor, importante aspecto para a realização da crônica. Portanto, o presente trabalho mostra-se relevante por mostrar a grandiosidade deste tipo de escrita e também a riqueza do texto da autora aqui tomada para estudo.

Uma vez que os estudos a respeito da crônica ainda são mínimos no Brasil, buscou-se, com este trabalho, dar visibilidade a essa forma de escrita que vem sendo dispensada por aparentar simplicidade. Mas como vimos nas nossas reflexões, ao falarmos de crônica colocamo-nos diante de um texto de grande valor e que possibilita discussões sérias e tudo isso é feito através do tom simples que possui.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____ et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- _____. Estímulos da criação literária. In: _____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1965. v.3.
- COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: _____. **A literatura no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986 (vol. 6).
- HILST, Hilda. A vida? essa monstruosidade de irrealidades. In: _____. **Cascos & carícias & outras crônicas**. 2.ed. São Paulo: Globo, 2007.
- MOISÉS, Massaud. A crônica. In: _____. **Acriação literária**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

